

Caros amigos,

Agradeço por me receberem hoje, aqui, neste magnífico país que é Portugal, num momento em que o mundo se aproxima do ducentésimo dia de guerra na Europa.

Como conclusão dos intensos debates realizados neste encontro no Estoril, foi-me pedido que vos falasse do «mundo de amanhã».

Pergunto-me se alguém que falasse sobre o tema em 1945 teria imaginado que, em 2022, tantas pessoas teriam esquecido as consequências do nacionalismo, do populismo, da imposição da lei do mais forte.

Ou se alguém que proferisse um discurso em 1960 teria imaginado que, apesar de todos estarmos constantemente ligados através dos nossos telemóveis, tantas pessoas se encontrariam mais isoladas do que nunca, ou que grande parte da nossa política estaria mais fragmentada do que no passado.

Ou que teríamos na palma da mão todo o conhecimento do mundo e que, apesar disso, tantos são os que parecem ter esquecido os ensinamentos da História.

Ou que o fluxo constante de notícias durante 24 horas por dia, o Instagram, o Twitter e o Facebook fariam com que muitos de nós, em vez de nos interessarmos mais pelo mundo, nos tornássemos indiferentes e menos atentos. Que as notícias falsas ou a desinformação viajarão literalmente por todo o mundo à velocidade da luz.

Pergunto-me se alguém que se dirigisse a uma multidão em 1990, após a queda do Muro de Berlim, teria imaginado que os fundamentos da democracia liberal, que puseram fim a décadas de medo, de gerações perdidas e de opressão, seriam novamente postos em causa.

Ou que, apesar de todas as advertências, o aquecimento global continuaria a aumentar. Que os nossos rios se começariam a evaporar e as nossas florestas a arder.

Ou que as mulheres continuariam a ganhar menos do que os homens.

Ou que, apesar de sermos a sociedade mais rica da História, o fosso entre aqueles que têm e aqueles que não têm permaneceria demasiado grande.

Ou que carros de combate voltariam a atravessar as fronteiras europeias.

Pinto um quadro que, à primeira vista, parece muito sombrio. Mas se olharmos bem, não é. O que pretendo com estas palavras é apelar claramente à mudança e incitar ao ativismo para repensarmos o nosso papel na sociedade. Convido-vos a afirmarem as vossas convicções e a fazerem ouvir a vossa voz.

O mundo de amanhã é um mundo que só podemos criar em conjunto. O destino não está predeterminado, cabe-nos a nós forjá-lo.

Este projeto a que chamamos «União Europeia» foi criado para dar resposta aos problemas enfrentados pelos nossos cidadãos. Foi a nossa forma de garantir que, no futuro, o mundo continuaria a centrar-se na justiça, na igualdade de oportunidades e numa verdadeira democracia.

Foi preciso muita coragem para sonhar com uma União Europeia. E ainda mais para concretizar este sonho.

Foram os sonhadores que a erigiram, que criaram este bastião de direitos e este círculo de confiança, de abertura económica e de pluralismo.

Caros amigos, apesar dos desafios de hoje, olho para o futuro com esperança, com otimismo, com perseverança.

Porque se é verdade que temos de fazer frente ao nacionalismo e ao populismo, também é verdade que temos milhões de jovens europeus empenhados e que se fazem ouvir.

- Para cada pseudo-homem forte que surge, existem pessoas que encaram a política como uma força de mudança positiva. A cada autocrata que ameaça os nossos vizinhos, demonstramos uma unidade que resiste às pressões.

- É verdade que ainda persiste uma disparidade salarial entre homens e mulheres e que os direitos das mulheres continuam a ser ameaçados, mas estamos a aprovar legislação para resolver essas questões.
- E cada vez mais pessoas saem de situações de pobreza e de desespero. E embora continue a existir discriminação, a nossa comunidade LGBTI está cada vez menos preocupada. Ainda temos um longo caminho a percorrer, mas o racismo é menos frequente. A luta contra as alterações climáticas e as pandemias continua, mas os nossos bombeiros, os nossos ventiladores, as nossas vacinas e os nossos médicos circulam entre os nossos países. Seremos o primeiro continente do mundo a alcançar a neutralidade em termos de carbono.

É este o poder da Europa.

E isto, caros amigos, é o progresso. Mesmo que as coisas nem sempre sejam tratadas de forma suficientemente rápida ou profunda. Trata-se de um passo em frente. Esta é a Europa. Foi o que a Europa fez no passado e deve continuar a fazer no futuro.

Porém, meus amigos, a Europa só sobreviverá se lutarmos por ela. Se deixarmos de a considerar um dado adquirido. Se compreendermos e explicarmos os seus benefícios. Se ouvirmos. Se nos opusermos àqueles que estão determinados a enfraquecê-la. Se formos capazes de realizar reformas. Se conseguirmos reinventar o nosso projeto.

Foi esse o objetivo do apelo do Parlamento Europeu à realização de uma Convenção sobre o Futuro da Europa. Trata-se de garantir que continuamos a realizar debates no sentido de deixar uma Europa preparada para a próxima geração. Não pode haver tabus, nem temas proibidos. Não podemos correr o risco de nos atrasarmos por a nossa burocracia ser demasiado morosa ou permitir que prevaleçam interesses particulares. A última grande reforma teve lugar há uma geração. Sabemos que o que antes funcionou para uma UE a 18 tem os seus limites para uma UE a 27 e já não será adaptado a uma UE a 32 ou a 36. É chegado o momento.

A Europa não se baseia numa uniformização, mas na convicção fundamental de que todos, tendo em conta toda a nossa diversidade, devem ter as mesmas oportunidades.

Caros amigos, acima de tudo, a Europa é esperança. Esperança no futuro. Esperança na próxima geração.

Uma estrela brilhante, um farol resplandecente. Quando olhamos para leste, vemos os carros de combate de Putin e o desenvolvimento da China assente em valores bem diferentes dos nossos; quando olhamos para norte, observamos as consequências do Brexit; quando nos viramos para oeste, assistimos às profundas divisões sociais que a administração de Trump explorou; quando olhamos para o nosso continente, vemos que os princípios que considerámos adquiridos são agora postos em causa, num momento em que o mundo precisa da Europa no seu melhor. Precisamos dessa esperança. Precisamos dos valores que a Europa defende. E gostaria que as pessoas recuperassem este sentimento de urgência e de otimismo no potencial do nosso projeto. As reformas não podem esperar.

Para mim, a Europa sempre representou uma oportunidade. Uma evolução. Uma possibilidade. Em 2004, a adesão à UE de dez novos países, incluindo o meu, foi o culminar de anos de progresso e de enormes mudanças sociais. Teve um enorme significado. Transformou a Europa. Proporcionou um futuro a milhões de pessoas.

Foi necessário ter fé. Ter coragem. Precisamos de voltar a encontrar essa coragem em relação à Ucrânia, à Moldávia, aos Balcãs Ocidentais e à Geórgia.

A Europa tem o poder de se transformar, mas temos de encontrar a coragem política para dar esse passo em frente, para mudar o mundo. Podemos fazê-lo. Devemos fazê-lo. Porque se não escrevermos o futuro, este será redigido por outras mãos e o fim da história será muito diferente. O mundo, como sabemos, mudou drasticamente. A situação mudou em 24 de fevereiro com a invasão brutal, injustificada e ilegal da Ucrânia, um país soberano.

Orgulho-me da forma como a Europa reagiu. Apoiámos a Ucrânia, prestámos ajuda militar e apoio político e diplomático, acolhemos milhões de pessoas em fuga e concedemos financiamento a uma escala sem precedentes. Demonstrámos que nos preocupamos. Provavelmente, a medida política mais significativa que adotámos foi a concessão à Ucrânia do estatuto de país candidato à União Europeia. Porque a Ucrânia precisa de esperança, e porque a Ucrânia está a lutar pela Europa e não a abandonaremos.

Os seus valores são os nossos e devemos defendê-los. Devemos, igualmente, ser capazes de explicar melhor por que razão estes valores são fundamentais, por que razão não podemos prescindir deles e por que razão valem a pena.

Falamos, com demasiada frequência, da democracia, da igualdade, do Estado de direito, como se fossem conceitos grandiosos que apenas se encontram em obras teóricas arrumadas em bibliotecas poeirentas. Temos de demonstrar — todos os dias — por que motivo estes conceitos são necessários e como podem mudar a vida das pessoas.

Mencionei anteriormente que temos todos os conhecimentos do mundo na palma das nossas mãos, mas a tecnologia faz com que tenhamos de enfrentar uma vaga de desinformação envolta numa forma peculiar de populismo. Onde o cinismo é incentivado e se encontram respostas simplistas como falsas soluções para problemas difíceis, onde «o outro» se apresenta como a causa de todos os males e de todas as frustrações. E onde os nacionalistas apregoam uma falsa nostalgia sobre um passado glorioso que, na verdade, nunca existiu. Onde tudo é separado por duas cores, preto e branco, mesmo que a realidade tenha milhares de tonalidades de cinzento.

Não é fácil lutar contra estas ideias. Mas, desde quando, nos orientamos pelo o que é fácil?

Não podemos falar sobre o mundo de amanhã, sem analisar o mundo de hoje. Neste momento, as pessoas estão preocupadas com a forma de pagar as suas faturas, de chegar até ao final do mês e com o mundo que vão deixar aos seus filhos. Preocupam-se com o futuro e a Europa deve ser capaz de dar respostas. Quando as pessoas sentem que a democracia não ajuda a enfrentar a solidão, o isolamento e a frustração, as pessoas afastam-se dela. A economia é importante. O emprego é importante. A dignidade e a educação são importantes porque, se a dimensão das disparidades económicas na sociedade significa que demasiadas pessoas se sentem sozinhas e alienadas, então, sentirão que a Europa lhes falhou.

O aquecimento das nossas casas, o abastecimento das nossas indústrias e a condução dos nossos automóveis estão a tornar-se cada vez mais difíceis. A inflação mantém os preços elevados. Sabemos isso. Mas é precisamente no momento em que nos sentimos mais cansados do conflito que temos de nos defender e de nos manter mais firmes do que nunca. É neste momento que a Europa teórica tem de contar com uma liderança prática, com empenho e coragem. E a Europa deve estar à altura dos desafios. Quer se trate do custo de vida, dos preços da eletricidade, das alterações climáticas, da defesa ou da segurança alimentar. A única forma é seguirmos unidos. E há decisões que podemos tomar agora, que não podem esperar. Podemos agir em conjunto para limitar as consequências, nomeadamente, colocando limites às faturas, melhorando os nossos sistemas de fixação de preços ou dissociando o preço da eletricidade do gás. Há medidas que podemos adotar agora, ainda que a título temporário, para aliviar as pressões imediatas, enquanto aplicamos estratégias a longo prazo. Se alguma vez existiu um momento para «mais Europa», esse momento é aqui e agora.

Caros amigos, a Europa é uma escolha, uma escolha feita por países que compreenderam que dispomos de mais oportunidades quando permanecemos unidos. Nós escolhemos a Europa.

Apesar dos muitos desafios e das duras realidades, estou otimista. Tenho muita esperança. Creio nas possibilidades do nosso tempo e, quando olho para os jovens de toda a Europa, sei que o futuro será radiante.

E estou convicta de que, graças à Europa, o mundo de amanhã será melhor do que aquele que deixamos para trás.

Obrigada.

